

**O FANTASMA
DE BECKETT**

ANDRÉ LEMOS

O FANTASMA DE BECKETT

Foto: André Lemos



Editora Sulina

Copyright © André Lemos, 2018

Capa: Like Conteúdo (sobre foto de André Lemos)

Editoração: *Daniel Ferreira da Silva*

Revisão: *Simone Ceré*

Revisão gráfica: *Miriam Gress*

Editor: *Luis Antonio Paim Gomes*

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: DENISE MARI DE ANDRADE SOUZA CRB 10/960

L557f Lemos, André

O fantasma de Beckett / André Lemos. -- Porto Alegre:
Sulina, 2018.
239 p.

ISBN: 978-85-205-0789-6

1. Literatura Brasileira – Ensaio. 2. Beckett, Samuel. I. Título.

CDD: 869.2
CDU: 869.0(81)-4

Todos os direitos desta edição reservados
à EDITORA MERIDIONAL LTDA

Av. Osvaldo Aranha, 440, cj. 101
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS
Tel: (051) 3311-4082
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Março/2018
IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Aos 100 anos da independência da Irlanda
Aos 110 anos de nascimento de Samuel Beckett

Para minha mãe, Nedyr

SUMÁRIO

1. Paris, Castle Street /13
2. Grattan Bridge /20
3. Rue Tourlaque /29
4. Ely Place /34
5. Rue Rémy-Dumoncel /45
6. Clifftown House /51
7. École Normale Supérieure /60
8. Stephen's Green /72
9. Théâtre de Babylone /91
10. Lansdowne Road /98
11. Rue des Vignoles /111
12. Kildare Street /122
13. Shakespeare and Co. /134
14. Foxrock /139
15. Rue des Favorites /153
16. Francis Street /161
17. Square de Robiac /176
18. Parnell Street /179
19. Closerie de Lilas /186
20. Temple Bar /191
21. Rue des Écoles /198
22. Ha'Penny Bridge /199
23. Samuel Beckett Bridge /215
24. Charles de Gaulle /222
25. Dublin, Rue Lepic/ 226

“The child hand raised to reach the holding hand. Hold the old holding hand. Hold and be held. Plod on and never recede. Slowly with never a pause plod on and never recede. Backs turned. Both bowed. Joined by holding holding hands. Plod on as one. One shade. Another shade.”

Beckett (*Worstward Ho*)

*“Rêve sans fin
ni trêve
à rien”*

Collect Poem of Samuel Beckett

“que ainda não foi dado ainda estabelecer com o menor grau de precisão o que sou, onde estou, se sou palavras, ou se sou silêncio no silêncio, para lembrar apenas duas das hipóteses lançadas sobre o assunto, embora para dizer a verdade o silêncio não se fez notar muito até agora, mas não se deve prestar atenção às aparências, retomo, não foi estabelecido, entre outras coisas, o que sou, não, já dito, o que faço, como faço para ouvir, se ouço, se sou eu que ouço”

Beckett (*O Inominável*)

Dublinworldness

*I stumble on obejketts
And mollydramatically fall into the streets,
And my eyeat's seaing the rain
Pouring at Sandymount strand with pain.*

*The anemometer spins
And I have no chjoyce, but sins.
Barely finding shelter from the winds
at Claire, Merrion, or Baggot streets*

*The time passed at a ridiculous pace,
But I found the way through the maze,
To know how to write, by foot, the space,
Regretting to come, and losing the race.*

*Everyday walking on Lansdowne, Shelbourne,
Or Northumberland Road, alone,
Should I escape dublinworldness
To finally retrieve the happiness?*

1

Paris, Castle Street

Sproule ergue os seus olhos tristes para o céu e vê o dia. Tem poucos minutos de folga. A dimensão do universo o deixa tonto: treze bilhões e oitocentos milhões de anos-luz seria a borda do espaço-tempo onde tudo começou, o Big Bang, como a luz mais distante jamais detectada pelo homem através do telescópio Hubble. Olhar as estrelas no céu é ver uma fotografia, um rastro de luz de algo que já desapareceu há muito tempo. O telescópio é uma máquina do tempo, não do espaço. Tudo está aqui, agora, desaparecendo, sumindo, cascando... Ele olha para o céu, lembra o que passou e esquece para viver.

O pub está movimentado nesse dia como muitos de Dublin: cinza, chuvoso e frio, mesmo sendo agosto e ainda com restos do que sobrou de um fraco e tímido verão. *Hibernia!* Sproule, depois da sua pausa para um cigarro, volta, como habitualmente, a fazer negócios, *business*, como gosta de dizer, tratando os clientes com cordialidade calculada para não os perder. Sem eles o pub não é nada. Nada dele é de graça, nem no trabalho, nem na sua vida, pacata, mesquinha, pobre. Seu grande pecado foi ter nascido. Repetia esse mantra como se estivesse dizendo algo genial, redimindo-se de uma existência sem sentido.

O The Oval é um típico pub dublinense e, como em todos, o tempo parece não passar. Música tradicional irlandesa, pessoas já de uma certa idade sentadas às mesas, ou nos bancos no balcão, comendo, tomando *pints* ou cafés no fim da tarde. A luz amarelada faz um contraste com as paredes vermelhas dos seus dois andares, com um mezanino no meio do caminho. Lustres pesados iluminam o lugar como se deve: luz indireta, amena, proporcionando sensação de conforto e paz. No segundo andar, caricaturas de personagens que parecem políticos, logo acima de um grande sofá vermelho que circunda a sala. No mezanino, um grande espelho cercado de fotos de atletas de rúgbi e da ci-

dade nos anos 1960. Ao lado esquerdo, como um altar em uma composição que lembra sincretismo religioso, quatro estátuas de negros, músicos de jazz, logo abaixo da foto de um atleta conhecido de um time local de rúgbi. Parece uma ode à diversidade e à tolerância, mas não passa de fachada, de estética barata, criando um clima falso: não toca jazz aqui, não há negros aqui e todos são muito iguais. Os aparelhos de televisão, uma praga presente em todos os *pubs*, exibem constantemente as notícias, ou jogos de futebol, de *hurling*, de futebol gaélico ou rúgbi.

Bella precisa sair de Paris para reencontrar sua voz, botar para fora as palavras, cessar o fluxo interno de pensamentos confusos. Tem que falar, mas não sabe o que falar, nem para quem falar. Aposta que em outro lugar poderá refazer o seu mundo, esfacelado pela solidão que ela mesma criou, inventar um sentido, uma essência, para transformá-lo em algo propriamente seu. Perdeu o controle sobre os acontecimentos e uma mudança pode ajudá-la a encontrar, em outro espaço-tempo, mais do que um lugar no mundo, o seu mundo, reordenar um cosmos transformado em caos. Está perdida e sem rumo, consequência de anos de isolamento voluntário e de certa desordem na memória. Precisa lembrar para entender, lembrar para assim existir, e existir é ter uma essência, e só há essência na existência, e existindo constrói-se um mundo. Vivia confortável na bolha que criara para si mesma. Pensava ser ela um mundo, quando na realidade era um simulacro, um universo se construindo no esquecimento, no silenciamento, no isolamento e na desorganização.

O incômodo se instalou há alguns anos e o que parecia ser ordem e conforto revelou-se ruína. Precisava fazer alguma coisa, mudar, tentar reerguer seu universo e essa mudança começa a se concretizar agora. Mudar de cidade para romper o silêncio, restaurar as palavras, encontrar as memórias e refazer os laços com amigos e a família. Ou essa é sua mais nova ilusão.

A vida em Paris é tranquila, decidindo tudo sem ter que negociar com ninguém, exercendo um trabalho que lhe permi-

te cruzar e conhecer os mais recônditos cantos da cidade sendo senhora do seu tempo. Vive em um espaço próprio, uma redoma acima do bem e do mal. Mas, aos poucos, o que parece sólido começa a rachar e Bella vai perdendo o que faz do seu mundo um mundo, o sentido das coisas: o sentido como a direção e o sentido enquanto a substância que elas aparentemente tinham. Tudo vai desaparecendo.

Vive os últimos anos infeliz, só, assentada nos escombros de um passado que não conhece mais, que foi esquecendo como um diário velho onde as palavras escritas a lápis vão aos poucos se apagando. Sem consciência das causas primeiras, e na desatenção à memória, Bella produz sua máxima alienação. O que parecia conforto e independência agora revela a sua face mais triste. Habitando um mundo fora do mundo, isolada daqueles que estruturaram a sua vida, inábil para verbalizar, ela é incapaz de dar um sentido para a sua vida.

Na consciência do insuportável presente, ela luta para acreditar ainda na promessa de um futuro melhor. Ter energia para sair dessa cidade é um sinal de que a sua força não se apagou por completo, que ainda reage e pode tentar reerguer-se. Mas não se ilude. Ela sabe que é mais fácil o fracasso. *“E se assim for, que eu possa tentar uma vez, tentar de novo, falhar, falhar de novo, e se for o caso, fracassar melhor”*, pensa resignada.

Está reduzida ao silêncio, longe dos amigos, em uma relação fria com o que resta ainda da sua pequena família, lidando no dia a dia com um trabalho fácil e sem desafios. Conhece todas as coisas e domina o tempo com sua bicicleta riscando a cidade para conectar pessoas entregando encomendas. Não precisa (mas seria essa a questão?) interagir com ninguém, nem para trabalhar, nem para viver. Basta a si própria (ou assim achava até bem pouco tempo) e está adaptada (ou assim acreditava) a um mundo sem transformações, sem perigo, sem desafios, linear, homogêneo, pacato, morto. Sem saber, com o tempo, caminhou para o precipício, e o que era mundo tornou-se vazio. Tudo está por um fio agora.

Só com palavras ainda não ditas será possível criar um novo mundo, como de páginas vazias fazer um livro. Tem que colocar as palavras para fora, mas não sabe quais, não sabe como cessar esse fluxo interno e violento de pensamentos que não saem, não sabe a quem deve dirigi-las. Só está convencida de que tem que ir mesmo achando que não pode ir; mas irá. Está se dissolvendo, desaparecendo, transformando-se em pensamentos internos e memórias desconexas, sendo fluxo de palavras sem corpo, ou quase isso. Ainda resta um corpo mínimo, e é a ele que ela se apegar para reagir e mudar. Assim, intui, fora do seu território, em um espaço-tempo sem controle, poderá, quem sabe, achar um sentido para sua vida. Isso passa, certamente, pela identificação da origem do problema e pela reconstrução dos laços com as pessoas, com a família, com o irmão, com os amigos, que se dizem hoje no singular. Pensa sem muita convicção, mas deve tentar alguma coisa. Dar um tempo em outro lugar poderá ajudá-la a reaver as palavras impronunciadas, a enriquecer seus olhos com outros objetos, a lembrar coisas que a ajudem a entender o momento e a causa do desmoronamento do seu mundo. Assim, enfim, poderá de novo requisitar os que lhe fazem falta.

Entregar encomendas é tudo o que faz para ocupar as longas horas do seu dia. Durante alguns anos suportou bem a sua misantropia, não mais. O afastamento das pessoas e da família agora a desestabiliza e a perturba. Leva as coisas, literalmente, de um lado para o outro, a sua vida e os pacotes de encomendas. Mas, de fato, parece ser levada, anestesiada, vivendo o estupor de um mundo monocromático, com angústia e dor. Não pode mais esperar. Toma intempestivamente a decisão de ir embora, de lançar-se em uma nova cidade, justamente para não repetir os hábitos e os vícios, para falar uma língua que não domina completamente, para perder o seu estilo e assim reconstruir-se. Gosta da ideia de não ter estilo, como uma folha em branco a ser preenchida sem enquadramentos. Outra língua, sem estilo, Dublin.

Bella usa uma bicicleta Gazelle azul comprada em Amsterdã para fazer as entregas. Vai deixá-la na sua *cave* no prédio

da rue Lepic. Se quiser andar de bicicleta terá que comprar outra, alugar uma, ou quem sabe ir buscá-la. Mas a adaptação ao trânsito, com o sentido à esquerda, diferente da Europa continental, a assusta um pouco. Gosta também de andar a pé, e como Dublin é uma cidade pequena e plana, por ora, essa será a sua opção de transporte. Vê na dinâmica da mobilidade e da imobilidade uma intrincada e complexa imagem da sua situação. A mobilidade do seu corpo, trabalhando continuamente andando ou de bicicleta, ajudou a identificar a estagnação do seu mundo.

O pensamento voa com as pernas em movimento. Percebeu assim, na sua mobilidade ciclística, a imobilidade angustiante da sua vida, sem amigos, sem amantes, sem familiares, sem direção. Mover-se não produz certezas, curas ou garantias, só dúvidas e incômodos. Mas aqui surge o que salva. O incômodo é o motor de tudo, o sintoma do que precisava ser identificado. Tudo está bem se não há desconforto, ou uma grave doença se prepara em silêncio. Do movimento em bicicleta percebe sua prisão, a areia movediça que aos poucos a engole. Decide, portanto, deixar Paris. Mas terá força e coragem para isso? *“Preciso ter, devo ter, deveria ter, tenho que começar a ter, terei? Se sair da cidade, poucos sentirão minha falta. Não tenho mesmo muito com o que me preocupar. Apenas darei um telefonema para meu irmão e para mamãe. Vou pedir licença de um ano do trabalho. Conversarei com o meu gerente. Simples assim!”* Isso lhe dá a real dimensão do seu vazio. Poderia estar agora em qualquer lugar e poucos sentiriam a sua falta.

Hoje, agora, ou foi ontem, pouco importa, está chegando, ou vai chegar, chegou. Não conhece ninguém em Dublin, a piscina negra dos Vikings. Mudar de cidade é inevitavelmente uma chance. Começar do zero, limpar tudo, jogar fora o que não é mais necessário. Mas é também o perigo de se perder para sempre em meio ao desconhecido, em meio a vozes que não entende, em uma cultura diferente da sua, sem nenhuma referência. Corre perigo, mas é preciso arriscar. Ainda é jovem e acha que tem força e coragem para remontar seu mundo em franca decompo-

sição. Chega a Dublin com essa missão. “*Mas não seria melhor permanecer em silêncio?*”

Não precisará trabalhar. Juntou economias de toda uma vida sem muitas extravagâncias. Pode se dar ao luxo de passar pelo menos um ano fora sem se preocupar com o dinheiro no final do mês. Não compra a passagem de volta para avaliar, com calma e com o tempo que for necessário, se retorna ou não para a França, e se será para Paris. Não descarta a possibilidade de trabalhar, quem sabe também como mensageira, já que a empresa em que trabalhava tem filiais nessa ilha. Ela poderia, se quisesse, requisitar uma vaga. Deixou boas relações e saiu sem se desgastar muito com chefes e colegas. Não foi o caso, pois as relações não foram construídas com esse fim, mas essa é uma boa estratégia para evitar conflitos: não interagir muito com as pessoas, não incomodá-las, ser gentil e distante, ocupando pouco espaço. As pessoas têm geralmente um apreço pelo desconhecido e tudo fica assim mais fácil. Bella é simpática e prestativa e esses são ingredientes para criar empatia e evitar desentendimentos. Portanto, não seria difícil, se pedisse ajuda à empresa, achar um emprego em Dublin.

Deixa o aeroporto em um carro que parece de transporte clandestino. O não lugar que caracteriza os aeroportos torna a aproximação da cidade estranha. Aos poucos sai da autoestrada e começa a perceber a densidade da cidade com sol e um raro céu azul. Toma contato pela primeira vez com a arquitetura georgiana, com as portas coloridas e os prédios de três ou quatro andares do centro de Dublin. Não conversa com o motorista, que também se mantém impassível. Não parece ser irlandês. Nota os ônibus de dois andares do lado errado da rua, as bicicletas e as pessoas andando apressadamente. Tudo parece estar trocado, ao contrário, um mundo ao avesso, objetos estabilizados em uma nova direção que entorta o seu olhar. Vertigem, sentindo-se caindo, não para a terra, mas para o ar.

Bella se deixa levar pelas primeiras impressões até chegar ao local provisório de morada, um apartamento de um quarto em

Castle Street, em um prédio em frente ao Dublin Castle e bem próximo do City Hall, em Dublin 2. Agradece friamente, paga o combinado previamente pela internet, vinte e cinco euros, e retira as malas para encontrar com a italiana que lhe dará as chaves do apartamento e as dicas práticas sobre a habitação. Descobre que ela não é a proprietária, mas alguém fazendo o serviço, um bico certamente, como muitos estrangeiros fazem por aqui.

Eram quase sete horas da noite e o sol ainda estava alto. Sobe pelo elevador, larga as malas e vai até a varanda. Nesses poucos minutos o tempo muda e um vento frio, com cheiro de umidade, invade suas narinas. A italiana diz que é bom se acostumar: *“Isso é Dublin, instabilidade, mudança permanente, sol, frio, chuva e vento, tudo no mesmo dia.”* *“Se tudo muda assim tão rápido, estou então no lugar certo!”*, pensa Bella, exibindo um sorriso tímido.